

Jornalismo e Memória: A Construção de um Livro-Reportagem Sobre um Distrito às Margens do Apagamento ¹

Thiago Fedacz Anastacio²
José Carlos Fernandes³
Universidade Federal do Paraná, UFPR

RESUMO

Este trabalho dialoga com pesquisadores, urbanistas e propulsores de políticas públicas, em todas as divisas, ocupados com o futuro das pequenas cidades e pequenos lugares. Isso posto, o fenômeno foi observado a partir do distrito de Itapará, pertencente ao município de Irati, no Sudeste do Paraná. Por meio da memória, da história oral e da mineração de dados, buscou-se conhecer a história e a realidade vivida pelos moradores do distrito. Como resultado, originou-se o livro-reportagem *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante*, compilação jornalística sobre lembranças, desejos e desilusões de moradores, em sua maioria marcados pela imigração ucraniana do século XIX.

PALAVRAS-CHAVES: livro-reportagem; memória; história oral; cidade; Itapará.

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido tem como objetivo apresentar o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo que originou o livro intitulado *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante*. O material trata do distrito de Itapará, um dos quatro – juntamente com Gonçalves Júnior, Guamirim e o distrito sede, Irati – que compõem o município de Irati, localizado no Sudeste do estado do Paraná. Em 23 de fevereiro de 1920, a região povoada por colonos ucranianos e poloneses, desde 1908, foi oficialmente reconhecida como distrito oficial de Irati por meio da lei 1.919. Desde o início, as atividades econômicas eram voltadas para o trabalho no campo. Itapará está a cerca de 50 quilômetros de Irati. O principal acesso à cidade – se não for o único – é por meio de uma estrada com poucos pedaços de asfalto construída por imigrantes em troca de comida a partir de 1909.

Hoje, a população – na casa dos 2.626 habitantes, segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – sofre com

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo Literário, livro-reportagem e a produção de narrativas biográficas, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante de Pós-Graduação no Curso de Mestrado em Comunicação da UFPR, email: thiagofedacz100@gmail.com

³ Professor do Departamento de Comunicação da UFPR e do PPGCom-UFPR, email: zecafernandes1964@gmail.com

diferentes problemas. O ensino na região, durante muito tempo foi limitado, pois não havia ciclo médio nas escolas do distrito (somente a partir de 2011 os três anos são inseridos na escola). A saúde enfrenta a ausência de médicos para atender o povo. Mas um dos problemas de maior destaque, cujo trabalho buscou apresentar, é o apagamento do que é Itapará.

Para isso, o entendimento de alguns conceitos se fazem necessários. Como será visto nos tópicos seguintes, a compreensão da lógica de cidade, o que é memória e a relevância da história oral foram alguns dos elementos que nortearam o trabalho. Ademais, as possibilidades inclusas no formato livro-reportagem, bem como a sua relação com o movimento do Novo Jornalismo se fizeram igualmente importantes para a construção do livro que, ao mesmo tempo que buscou retratar a realidade observada, teve como principais protagonistas aqueles que a viveram por toda uma vida.

METODOLOGIA

Para a construção e produção do livro-reportagem, foi essencial entender o que esse formato engloba, bem como a ligação com o movimento do Novo Jornalismo. Este último, segundo Pena (2006), representou a fuga do *lead* na atividade jornalística. O autor, sintetizando as ideias de Tom Wolfe (autor do manifesto que representou o movimento), elenca algumas das características que estariam presentes nessa nova forma de se fazer jornalismo: reconstrução da história cena a cena; registro de diálogos completos; apresentação da cena a partir do ponto de vista de diferentes personagens; registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens (PENA, 2006).

Anterior a esse movimento, alguns autores discutem que a existência do formato livro-reportagem já era uma realidade. Belo (2006), por exemplo, afirma que já haviam registros na Europa do século XIX que podem ser interpretados como materiais que se enquadram nesse modelo. O autor define livro-reportagem como “um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico” (BELO, 2006, p. 41).

Tendo brevemente abordado essas ideias, seguimos com a descrição do processo de produção do livro-reportagem. Ao todo, foram três visitas de campo ao distrito de Itapará. Em setembro de 2023 aconteceu a visita de maior duração, com sete dias de atividade. No primeiro, foram consultadas as instituições públicas, como a prefeitura, a

Casa da Cultura de Irati, e a Paróquia Coração Imaculado de Maria. O objetivo foi encontrar quaisquer registros, dados, documentos e possíveis fontes para a construção do livro.

Nos dias seguintes, foram realizadas visitas às casas dos moradores de Itapará, principalmente da pequena comunidade que tem o mesmo nome (Itapará é formado por diferentes sub-regiões que compõem o território do distrito). Além dos moradores, a igreja, a unidade de saúde e a escola da região foram visitados para a coleta de depoimentos e informações. Como descrito no livro, moradores e trabalhadores contaram sobre os desafios que a região enfrenta, bem como a falta de participação do poder público no distrito.

O método utilizado foi o jornalístico. O processo jornalístico é estruturado em três pilares: atitude, método e narrativa (GANDOUR, 2020). A atitude consiste na independência profissional, em não ter medo de questionar aqueles que precisam ser colocados contra a parede. A narrativa é a forma como o discurso, que tem base no factual, se articula e sustenta-se. O método está desde a busca pela notícia, pelo que é novo, até a forma como se trata a informação e a transmite ao público (GANDOUR, 2020). Assim, objetivou-se por alinhar esses pilares na busca pela construção de um trabalho que visou colocar a experiência humana como protagonista de uma história em que pouco se tinha registros.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A produção do livro-reportagem *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante* foi antecedida de uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de encontrar materiais de base para a compreensão e desenvolvimento do tema escolhido. Por isso, os conceitos de cidade, memória, história oral, bem como informações sobre o território paranaense e o distrito objeto de pesquisa foram essenciais para a construção do material jornalístico.

Para a formação do entendimento do primeiro conceito, o de cidade, é preciso ter em mente que se trata de uma ideia em movimento, com diferentes entendimentos que são, por vezes, complementares, mas também divergentes. Raquel Rolnik (2004), por exemplo, oferece um entendimento de cidade como um grande ímã que atrai os seres humanos. Agier (2011), por sua vez, olha para a cidade como um espaço de relações.

Segundo o autor, as interações entre os indivíduos torna possível a existência desse espaço. Seguindo essa perspectiva, Ecléa Bosi (2003) olha para a cidade sob a perspectiva de valorização do ambiente doméstico, o considerando um espaço de memórias.

No que tange a esse conceito, Bosi (2003) ressalta a importância daquilo que ela chama de “crônica do cotidiano”. De acordo com a autora, a história comumente ensinada nas escolas oferece uma representação engessada do fato histórico, sem olhar para os micro comportamentos, para as relações que aconteceram ao longo de determinado contexto. Heller (2014), em um sentido parecido, coloca o cotidiano, o corriqueiro, como algo presente em todos os indivíduos. A vida ordinária é o que dá espaço para a apreensão dos sentidos e, por sua vez, da realidade em que vivemos.

Nesse sentido, a história oral aparece como instrumento fortalecedor da valorização dos relatos pessoais, visto que insere o indivíduo como figura relevante do processo histórico, valorizando sua narrativa e sua memória. Thompson (1992) defende que as narrativas orais são capazes de oferecer novas dimensões à história bruta como conhecemos. Os sujeitos se tornam parte da construção do conhecimento histórico e a própria história se apresenta de forma mais democrática.

Sarlo (2007) defende que as narrativas orais passaram a ser mais valorizadas com o decorrer do tempo. A necessidade de olhar somente para documentos e registros escritos deixou de ser uma das únicas formas de se obter conhecimento histórico. O relato, juntamente com as suas subjetividades e individualidades, se tornou um importante instrumento para a compreensão de diferentes contextos.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Como resultado do processo de pesquisa e da atividade jornalística, foi publicado o livro intitulado *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante* pela editora Nova História. Ao todo, foram mais de mil quilômetros rodados para a produção do material, quase oito horas de gravação de entrevistas, mais de 300 fotografias feitas e cerca de 20 fontes consultadas e entrevistadas. O material conta com cinco capítulos e um prefácio escrito escrito pela jornalista e advogada Katna Baran, descendente de ucranianos e editora voluntária do jornal da Sociedade Ucraniana.

TABELA 1 - OS CINCO CAPÍTULOS DO LIVRO

| Capítulo | Tema |
|-------------------------------------|---|
| Capítulo 1: Registros sobre Itapará | O primeiro capítulo funciona como uma introdução às dificuldades de conhecer Itapará de forma oficial. Os registros históricos e as informações disponíveis online são limitadas. No entanto, busca-se reunir os dados existentes para desenhar uma Itapará a partir dos documentos oficiais. |
| Capítulo 2: A memória dos moradores | Conta sobre uma Itapará a partir da memória dos moradores mais antigos, resgatando as dificuldades e os desafios que uma região rural e afastada da sede municipal enfrentou. |
| Capítulo 3: A Itapará de hoje | Há o destaque para os problemas que existem há décadas e que ainda não foram solucionados. A prefeitura de Irati foi consultada para esclarecer algumas questões, visando apresentar os dois lados da história, mas não foi possível obter resposta para qualquer uma das perguntas feitas. Ao todo, a prefeitura foi contatada quatro vezes para prestar esclarecimentos em um período de um mês e meio. |
| Capítulo 4: Fé e tradição | Conta-se sobre a relação dos moradores com a fé católica e a importância simbólica que o templo religioso tem em suas vidas. Além disso, aspectos de tradição são destacados para diferenciar o rito bizantino católico do latino. O cemitério de Itapará também é apresentado, bem como a falta de regulação até o ano de 2019, quando passou-se a arquivar os dados de todos aqueles que foram enterrados ou sepultados no local. |
| Capítulo 5: O futuro de Itapará | O último capítulo procura desenhar um futuro para Itapará. Ao mesmo tempo que moradores acreditam que o local vai desaparecer, outros acham que o distrito jamais vai deixar de abrigar sua gente. |

| | |
|--|--|
| | Maria Ângela Endlich, professora de Geografia na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e autora do livro “Pensando os papéis e os significados das pequenas cidades” (2009) colaborou para um entendimento particular sobre a região. |
|--|--|

Fonte: O autor (2024).

Uma das conclusões a qual foi possível chegar é a de que declarar se Itapará vai ou não desaparecer um dia é uma resposta imprevisível e que carece de análises mais profundas. No entanto, é possível afirmar que o distrito ainda vive e cultiva suas raízes, mesmo que elas estejam secando. A história e memória de sua população se vai aos poucos com o passar dos anos e esta última, frágil e quase não difundida, não encontra forças para se manifestar.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ENDLICH, Maria Ângela. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. São Paulo: Ed, Unesp, 2009.

GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão: a segunda morte da opinião pública: como o encolhimento da imprensa e o uso crescente das redes sociais por governantes podem degradar o ambiente informativo e prejudicar a democracia**. São Paulo: Summus, 2020.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 10.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.